

POLÍTICA ECONÔMICA

A esperança do governo é que seu pacote de maldades, com medidas de racionamento de energia e aumento dos juros para conter as altas do dólar e da inflação, se transforme em lucro político no futuro

ECONOMIA - BRASIL

Mais medidas impopulares

Paulo Silva Pinto
Da equipe do *Correio*

Fazia tempo que o governo não tomava tantas decisões de impacto no mundo das finanças. Na terça-feira da semana passada, a principal taxa de juros do Banco Central subiu 1,5 ponto percentual, para 18,25%. Na manhã seguinte, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, anunciou que o governo vai usar US\$ 10,8 bilhões para conter a desvalorização do real frente ao dólar. Na sexta-feira foi a vez do chefe de Fraga, o ministro da Fazenda Pedro Malan, anunciar um pacote de reestruturação dos bancos federais, que terá custo imediato de R\$ 12,5 bilhões ao Tesouro Nacional.

Diante dos cortes em programas sociais, destinar tanto dinheiro ao mercado financeiro parece um mal negócio para o governo. Além disso, a elevação de juros causará desemprego. "A oposição está até meio desorientada, tantas são as possibilidades de atacar o governo neste momento", diz o cientista político José Luciano Dias, do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos (Ibep). Nos próximos dias, novas medidas impopulares virão, como a transformação da provisória CPMF (0,38% sobre qualquer transação financeira) em um tributo definitivo.

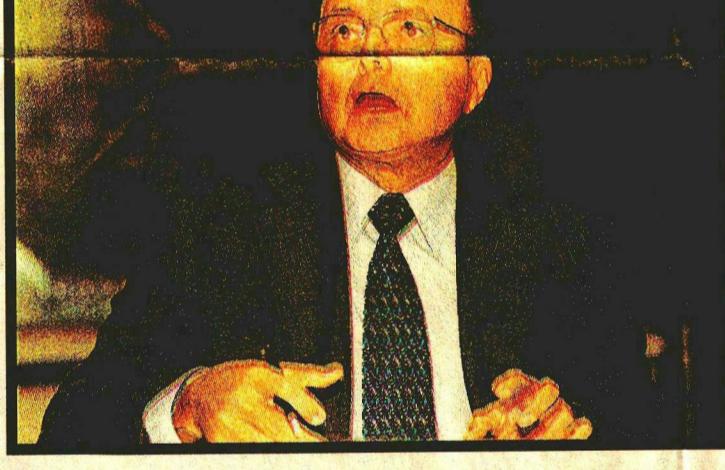
Mesmo assim, os analistas são unâmes em afirmar que essas

medidas impopulares são o melhor investimento político no momento. Tendem a trazer benefícios no próximo ano, quando as ruas estarão tomadas pelos candidatos à Presidência, aos governos estaduais e ao Congresso. O economista Maílson da Nóbrega, ministro da Fazenda no governo Sarney, afirma que conter a alta do dólar é indispensável para preservar a estabilidade econômica, a maior conquista do atual governo. "Todas as medidas para coibir a inflação desagradam a empresários e políticos. Mas lá na frente os dividendos políticos costumam compensar".

O professor de ciência política da UnB David Fleisher aponta para um risco especialmente sensível do aumento do dólar: as tarifas elétricas. O gás e o diesel, que move as termelétricas, estão cotados na moeda estrangeira, assim como a energia que vem de Itaipu. As medidas para conter o dólar devem ter resultados em curto prazo. Energia cara, somada ao racionamento, tornam o governo ainda mais impopular.

"Alguns exportadores estavam adiando negócios, na expectativa de que o dólar aumentasse ainda mais", diz o economista-chefe no Brasil do banco Lloyd's TSB, Odair Abate. Além disso, há maior tranquilidade nas empresas com financiamento em dólar. Ficam livre de comprar a moeda estrangeira para garantir o pagamento de dívidas no futuro.

Sergio Amaral 25.05.00



MAÍLSON: CONTER O DÓLAR É INDISPENSÁVEL PARA MANTER A ESTABILIDADE

O governo contra-ataca

Nos próximos dias, o presidente Fernando Henrique Cardoso pretende anunciar investimentos de R\$ 1,7 bilhão no programa bolsa-escola. Ele gravou ontem um pronunciamento que deverá ser exibido em cadeia nacional de TV amanhã. O presidente viaja para o município de Capão Bonito (SP), onde lança o programa. O bolsa-escola é um dos itens do pacote de boas notícias que o governo prepara para essa semana. As outras beneficiam o mercado de capitais e os exportadores (veja reportagem na página 3).

A idéia do governo é neutralizar a má repercussão das medidas da semana passada. Com o anúncio de investimentos sociais, combate-se a idéia de que o governo só se preocupa com ajuda a bancos e com o dólar.

E com a ajuda ao mercado de capitais, os empresários tendem a se acalmar. O aumento da popularidade pode ajudar o gover-

no a recuperar apoio político. "O governo está tentando tirar a base do buraco. Em todos os partidos, até mesmo no PSDB há gente pulando fora do barco ou ameaçando pular", diz o professor de ciência política da Universidade de Brasília, David Fleisher.

Para alívio do governo, o enfraquecimento da base não traz risco à aprovação de projetos, porque não há grandes assuntos na pauta de votação. "Já desistiram da reforma tributária. A prorrogação da CPMF, a ser votada, tem apoio da própria oposição e portanto não é um problema", diz o cientista José Luciano Dias, do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos (Ibep).

A maior preocupação do governo no Congresso atualmente é evitar a criação de uma CPI para investigar irregularidades na administração federal. Além de garantir alianças para as eleições do próximo ano. (PSP)

PERGUNTAS SOBRE A COTAÇÃO DO DÓLAR E A TAXA DE JUROS

1 Quanto o dólar poderá custar no final do ano?

A expectativa dos analistas é de que o dólar chegue ao final de dezembro valendo entre R\$ 2,40 e R\$ 2,50. O câmbio continuará alto porque o governo, apesar das medidas já tomadas, terá dificuldades para conseguir dólares para pagar suas contas externas. Assim, a falta de moeda norte-americana não permitirá que o câmbio caia muito nos próximos seis meses.

2 Por que o dólar subiu tanto este ano?

A cotação do dólar em relação ao real subiu 18,5% este ano, apesar dos dois últimos dias de queda. A cotação sobe quando os investidores se sentem inseguros com a situação da economia brasileira. Eles tendem a se desfazer de outros investimentos em reais, como títulos públicos, para comprar dólares, moeda muito mais estável e segura. Com a grande procura pela moeda norte-americana a cotação do dólar aumentou.

3 Quais os fatores que levaram à insegurança dos investidores?

No campo externo, um dos motivos mais importantes foi a queda dos investimentos internacionais provocados pela desaceleração da economia mundial. Reduziu muito o dinheiro disponível das grandes empresas e bancos para investimentos em economias emergentes, como a brasileira. A crise na Argentina também ajudou na elevação do dólar. No plano interno, pesaram o racionamento de eletricidade e a incerteza sobre o futuro do país com as eleições presidenciais de 2002.

4 Quais os efeitos do dólar mais caro para a economia brasileira?

A consequência mais temida pelo governo é o aumento da inflação. Boa parte dos componentes de produtos brasileiros são importados e, portanto, estão sujeitos à influência do dólar, o que eleva os custos das empresas. A reação natural das companhias é repassar esse aumento ao preço final das mercadorias. Quando isso acontece em larga escala, a inflação sobe.

5 Como a subida do dólar afeta as contas do cartão de crédito para quem viajou ao exterior?

O turista que foi para fora do Brasil e fez compras em dólares precisará de mais reais para pagar suas despesas. Por exemplo: quem foi para os Estados Unidos e adquiriu um produto por US\$ 100 no início de janeiro pagou o equivalente a R\$ 195. Hoje, essa mesma mercadoria custaria por volta de R\$ 231.

6 Por que o governo aumentou as taxas de juros?

O alvo do governo era evitar um aumento da inflação. O



aumento de juros funciona como um "freio" no custo de vida de duas maneiras. Numa ponta, desestimula o consumo, porque qualquer compra no crédito fica mais cara. Com menos gente comprando, as empresas deixam de repassar o aumento do dólar ao preço final dos seus produtos. Ao mesmo tempo, provoca uma queda na cotação do dólar. Juros altos tornam outros investimentos mais atraentes do que a compra da moeda norte-americana.

7 Taxas mais altas de juros prejudicam o país?

Sim. A elevação das taxas tende a tornar mais caros os empréstimos tanto para as empresas quanto para os consumidores. Juros mais altos vão diminuir os investimentos da indústria, comércio e agricultura, o que reduzirá a expansão do país.

No início do ano, muitos analistas acreditavam que o país cresceria entre 4% e 4,5% em 2001. Com o racionamento de energia e aumento dos juros, é certo que esta taxa ficará entre 2,8% e 2,5%. Juros mais altos também

aumentam a dívida pública, que é o total das dívidas dos governos federal, estaduais e municipais com bancos e outros credores.

8 Quais as consequências da alta dos juros para o consumidor?

As compras a prazo, o parcelamento do cartão de crédito e o cheque especial poderão ficar mais caros.

Ainda não se sabe exatamente qual a taxa que será repassada ao consumidor. Há alguns fatores, contudo, que inibem

as financeiras, os bancos e as lojas a aumentar os juros. O principal deles é o medo de que as taxas maiores elevem a inadimplência. Será preciso esperar alguns dias para saber como esse mercado se comportará.

9 Quando as taxas de juros podem cair?

Teoricamente, a qualquer momento. Na quarta-feira, quando aumentou os juros em 1,5 ponto percentual, o Copom (Comitê de Política Monetária) também decidiu aplicar a taxa um "viés de baixa". Isso quer dizer que o BC

pode reduzir a taxa quando quiser, sem precisar esperar outra reunião do Copom. Mas é evidente que isso só ocorrerá quando estiver certo de que a tempestade passou e que já não existe ameaça de aumento do câmbio.

10 O momento é oportuno para comprar mercadorias no crédito?

De jeito nenhum. O melhor é economizar o dinheiro para adquirir o produto à vista.

11 Quais são os melhores investimentos agora?

Para quem é conservador, e deseja aplicar recursos para os próximos três meses, a melhor indicação são os fundos de renda fixa prefixada, atrelados à oscilação dos juros. A medida é oportuna porque as taxas anuais atingiram

18,25%, mas devem cair, como sinalizou o próprio Banco Central. Quem está disposto a

correr algum risco pode aplicar de 10% a 20% dos recursos em fundo de ações.

Preste atenção em papéis de empresas que tendem a se valorizar, como companhias de telecomunicações, energia e bancos.

12 As recentes turbulências na economia vão elevar o desemprego?

O crescimento menor do país diminuirá a criação dos postos de trabalho. O racionamento de energia também reduzirá a produção das empresas, o que fará com que muitos empregados fiquem ociosos. Nessas circunstâncias, é provável que aumente o desemprego.